

GRIFO

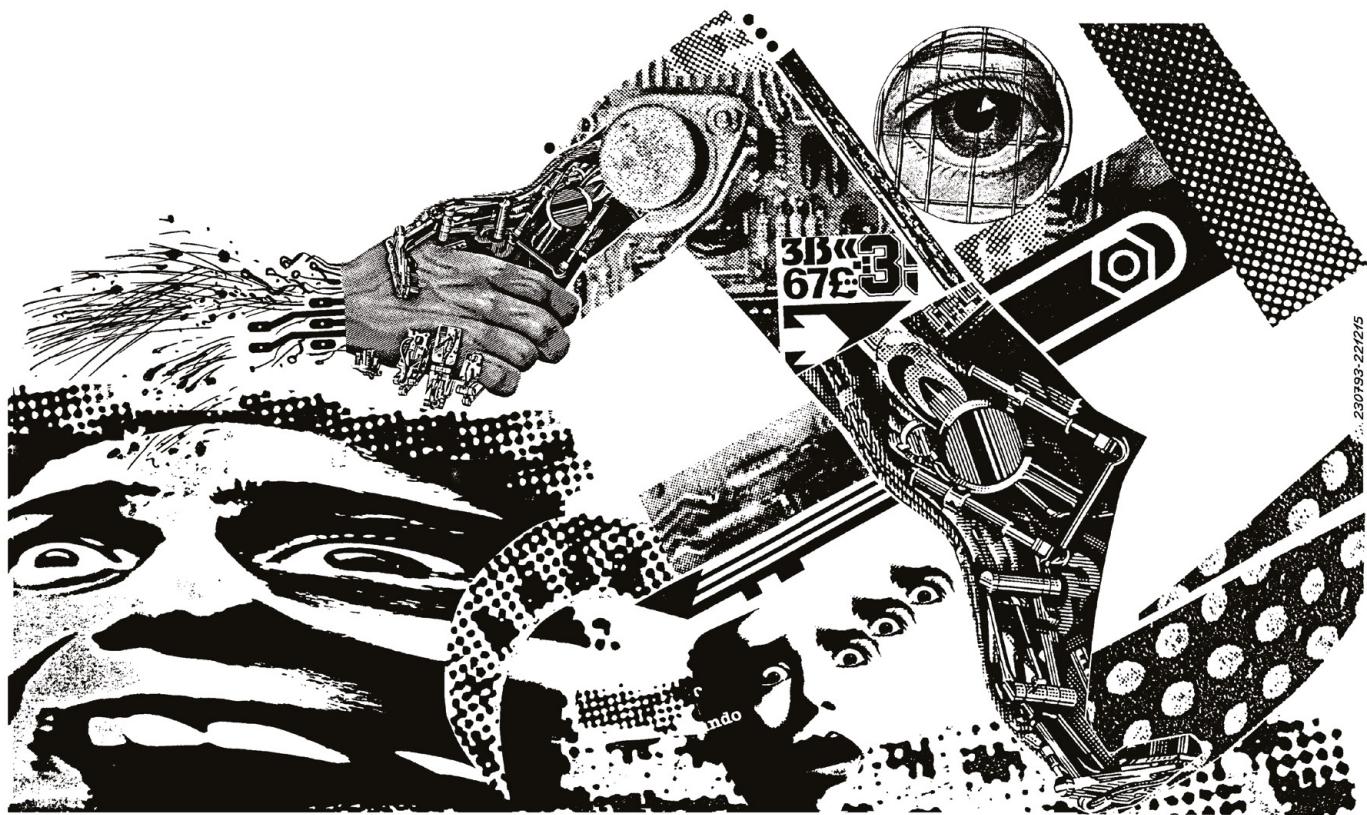
Nº 57
JULHO
2025

O JORNAL QUE RI

ENTREVERO
ATÉ INFORMAÇÃO TEM AQUI
PÁG. 20

CR WINCKLER
QUEREM CERCAR O BRASIL
PÁG. 04

CLÁUDIUS
UM GRANDE DOS ANOS 60 ENTRE NÓS
PÁG. 06



Manda
pra longe
não precisamos
de fascistas nem BBBB

Mais um empurrãozinho

Tenho um amigo cuja paixão é futebol e usando o futebol explica qualquer coisa que aconteça no mundo. Ele acha que extrema-direita tem hífen justamente para se diferenciar do extrema direita da política. Vale o mesmo para o lado esquerdo, diz. Já os centro-esquerda e centro-direita na política têm hífen, "igual ao futebol", diz o meu amigo, que se define como social-democrata e acrescenta: "O hífen une e o pessoal do centro quer sempre unir-se com alguém".

Assim, na opinião dele, um extrema-direita como Garrincha, ou Estêvão, para dar um exemplo mais recente, é bem-vindo, pois fazem jogadas em busca do gol, que fica à esquerda da posição deles. Já os extrema direita não, pois jamais buscam algo à esquerda, jamais procuram a felicidade e a alegria do gol. "Contentam-se em ficar sozinhos com a bola, fazer jogadas em impedimento, entrar por cima da bola, dar cotoveladas ou qualquer outra ilegalidade. Para eles, gol é pousar nas placas de publicidade das bets, do agronegócio".

Nessa perspectiva, Trump seria como um ponta-direita brucutu, daqueles que chuta a bola pra frente, corre atrás e azar de quem se meter no meio. E antes de iniciar, já comemora a grande jogada que vai fazer, mesmo que se resuma a um toque lateral. Costuma dar certo no início, a aparência de sujeito grandão, vociferante e esgar nos olhos intimida. Mas sempre aparece alguém que percebe a distância entre encenação e realidade. E acaba desmanchando a jogada.

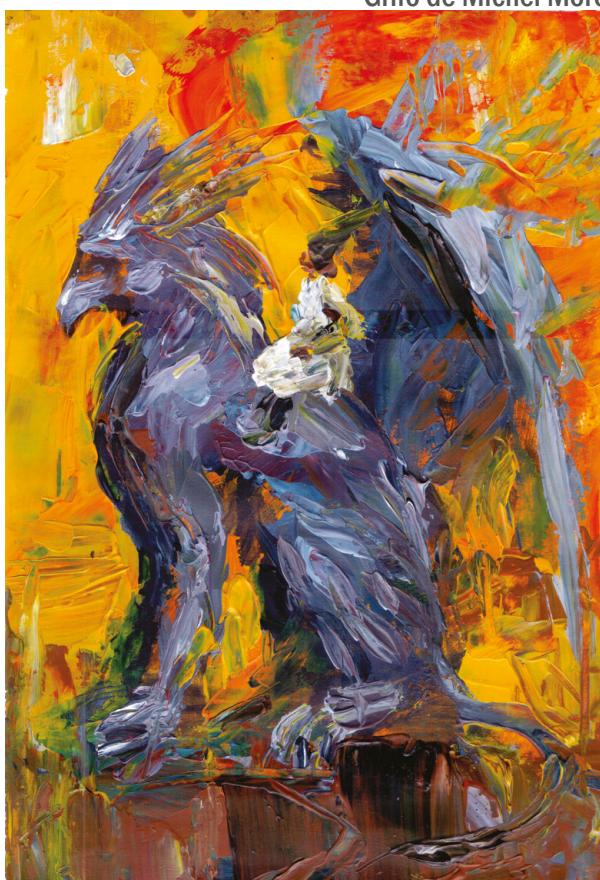
O extrema direita Trump anunciou no final de julho acordo com a União Europeia e o Japão. Mas o anúncio supervaloriza os fatos. Ainda é preciso que o parlamento europeu aprove, que os países concordem.

Os extremas direitas brasileiros aplaudem todas essas bravatas. Acham que os centro-direita, centro, centro-esquerda e extremas esquerdas deveriam correr até Trump e pedir desculpas. Tipo "não é hora de soberania", "sair do mapa da fome não é o principal", "anistia aos golpistas", "liberdade, exclusividade de negócios eletrônicos e zero imposto para as big techs, casas de apostas, incentivo à devastação ambiental". Não duvide de aparecerem cartazes defendendo a "bancada B,B,B,B": Bíblia, bala, boi e bets.

Para o meu amigo, "é como se um jogador que está no banco de reservas torcesse para o ponta-direita adversário, só pra poder entrar em campo, mesmo que o time caia para segundona".

É. É mesmo. Mas como marcar politicamente o extrema direita? Ora, diz o meu amigo "cerca, evita que ele receba a bola, tira espaço dele e ele vai ficando isolado, quem sabe até dá um empurrão pra fora, aé, o treinador tira de campo por não fazer nada".

Só falta um empurrãozinho.
(Marco Schuster)



Grifo de Michel Moro

GRIFO

Jornal de humor e política, desde outubro de 2020.

Eletrônico, mensal e gratuito.

Publicação de cartunistas da Grafar (Grafistas Associados do RS)

Editores: Celso Augusto Schröder e Marco Antonio Schuster

Editores adjuntos: Celso Vicenzi e Gilmar Eitelwein

Diagramação: Laura Santos Rocha

Mídias sociais: Lu Vieira

PARTICIPAM DESTA EDIÇÃO

Cuba: Brady Izquierdo, Jorge Armas e Michel Moro

Rio de Janeiro: Máximo, Miguel Paiva e Cláudius

Rio Grande do Sul: Alisson, Bier, Carlos Roberto Winckler, Cid Dávila, Cristiano Bastos, Dênis Pimenta, Edgar Vasques, Elias Monteiro, Ernani Ssó, Eugênio Neves, Fabiane Langona, Guazzeli, Gilmar Eitelwein, Hals, Juska, Lancast, Lu Vieira, Luiz Faria, Marco Schuster, Máucio, Paulo de Tarso Riccordi, Santiago e Schröder

Rússia: Konstantin Chakhirov

Santa Catarina: Celso Vicenzi

São Paulo: Bira Dantas, Carlos Castelo e Mouzar Benedito

Turquia: Erdogan Başol

Arte da capa: Eugênio Neves

Leia aqui todas as edições do **GRIFO**

https://issuu.com/luvieira.ink?issuu_product=header&issuu_subproduct=publisher-suite-workflow&issuu_context=link&issuu_cta=profile



Receba o Grifo grátis e em primeira mão

Basta entrar em um dos grupos de WhatsApp para receber sua edição em pdf!

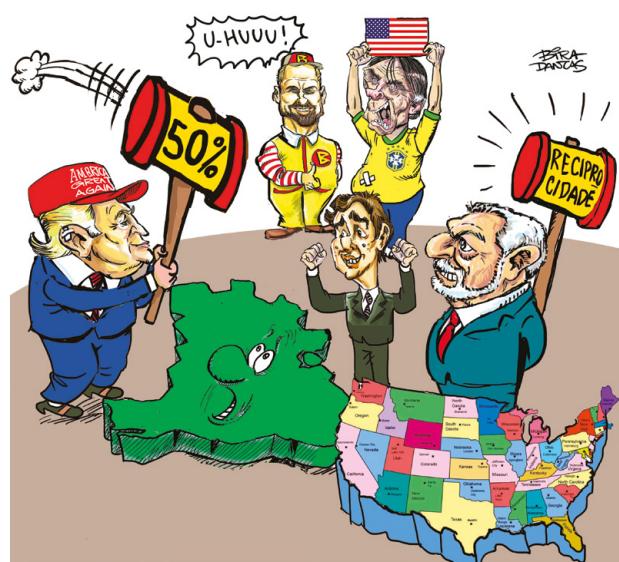
**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 1**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 2**

**CLIQUE AQUI E
ENTRE NO GRUPO 3**

Expediente

jornalgrifo@gmail.com





O cerco

Carlos Roberto Winckler

Nas últimas semanas ocorreu uma complexa condensação de acontecimentos, internos e externos, que aos poucos desvela os impasses na realização do Brasil como Nação. O conflito distributivo em torno da justiça tributária, acirrado no debate sobre o equilíbrio das contas públicas; os limites de um pacto político justificado pela ameaça de continuidade do neofascismo colonial representado pelo bolsonarismo; a pressão estadunidense pela anulação do processo em curso no STF contra Bolsonaro, motivado pela tentativa de golpe em janeiro de 2023, relacionando-a à tarifa adicional de 50% nos produtos exportados aos EUA – uma crua chantagem. Desde abril, já

se negociava a primeira vaga tarifária, a qual o Brasil apresentou contraproposta sem resposta até o momento. Não se espere muito quanto à aceitação de proposta no início de agosto.

A reação estadunidense trumpista segue a lógica da Guerra Relâmpago nazista com amplo uso de diversionismo midiático. É reação à decadência do império estadunidense explicitada pela política impositiva e selvagem de tarifas protecionistas a meio mundo; uma mistura indigesta de bravatas, negociações humilhantes, recuos e efeitos desastrosos em diferentes graus na economia dos envolvidos. Soma-se a reação da Cúpula do Brics, um bloco heterogêneo e multipolar de países em oposição à hegemonia estadunidense (núcleo duro,

China e Rússia) no Rio de Janeiro, presidido pelo Brasil, além da situação política na América do Sul, onde, após a década inicial de governos de centro-esquerda e esquerda, há o crescimento da direita e extrema direita.

Há chance da direita, neste ano, retornar na Bolívia com a divisão da esquerda até então hegemônica pelo MAS (Movimento ao Socialismo); no Chile, ressurge Kast, forte candidato da extrema direita, não bastasse Milei, na Argentina. No Peru, as eleições serão realizadas em abril de 2026. Keiko Fujimori, pré-candidata da extrema direita, lidera a disputa.

O favoritismo de Lula nas eleições do próximo ano conta com o razoável êxito econômico, apesar das condicionantes da política econômica; a previsível desmo-

ralização da extrema direita bolsonarista; a dificuldade da direita tradicional, que apoiou o ultraliberalismo de Bolsonaro, em encontrar um candidato funcional na conjuntura às elites agrárias e às finanças; a ingerência do governo de Trump na soberania brasileira ao atacar o STF; e a política tarifária trumpista, que promoveu a unidade de setores exportadores locais na defesa de seus interesses.

Algo evoca os anos trinta de Getúlio: uma conjunção de circunstâncias externas com o cálculo político conduzido por Lula em defesa da nacionalidade, em circunstâncias mais complexas de crise do capitalismo. O Império se desfaz em contradições. O Brics desafia o mundo construído pós-Segunda Guerra. O Império

(e vassalos europeus) é simultaneamente frágil e letal no desespero, abrindo frentes simultâneas de combate, por enquanto em guerras por procura (Ucrânia e a sustentação funcional do colonialismo sionista), as provocações em Taiwan e na Geórgia.

Na América Latina, conspira a favor da direita e da extrema direita. A ameaça do Império em sancionar o Brasil não é novidade, que o digam Cuba e Venezuela, mas nada que impeça certa flexibilidade. Sob licença especial dos EUA, companhias, como a Chevron, exploram petróleo na Venezuela através de joint ventures com estatais. Alguns alvos no Brasil: acesso a terras raras, nióbio e lítio; impedir a regulação; e a cobrança de impostos das big techs. Economicamente, os EUA

almejam simulacros de países soberanos, subordinados à ordem financeira imperial e à sua base tecnológica. Sob ameaças, Trump defende a primazia do dólar nas transações econômicas internacionais.

O Brics postula o uso de moedas locais nessas transações. No caso brasileiro, o PIX, modo de transferência monetária instantâneo e gratuito, regulado pelo Banco Central, é visto como ameaça e concorrente tecnológico dos cartões de crédito e das big techs. O Brasil foi escolhido por sua fragilidade militar, pela presença de setores dispostos à vasalagem e pelo risco de potencialidades autonomistas. Trata-se de um passo na estratégia em enfraquecer, senão liquidar o Brics e a seu núcleo, o Dragão Chinês.



Traço histórico no GRIFO



Gaúcho de Garibaldi, Cláudius Cecon nasceu em 2 de dezembro de 1937 e é um dos grandes desenhistas dos anos sessenta. Do PASQUIM, do Pif-Paf, do Cruzeiro. Precisou exilar-se na ditadura instalada em 1964 e continuou trabalhando, inclusive com Paulo Freire. De volta ao Brasil, se apresenta como “um idoso ativo, arquiteto, designer e desenhista de humor e secretário executivo do Centro de Criação de Imagem Popular (CECIP)”. O Máucio falou com ele por causa da tese de doutorado e apresentou o GRIFO. Cláudius gostou e mandou colaborações pra nós. A gente vibra. Obrigado ao Máucio e ao Cláudius.



Mostra tua cara

O dete Roitman voltou. A TV fez uma nova versão de uma telenovela do final dos anos oitenta com a mesma gravação de Gal Costa para Brasil, música de Cazuza, na trilha sonora. Mas repetir história é coisa de ficção. No ano da versão original Lula era pré-candidato à presidência da

República e Bolsonaro, réu de uma tentativa de atentado terrorista. Nova Constituição, nova democracia, nova participação política. A surpresa é que quase 40 anos depois, brasileiros querem a repetição do golpe de 1964 e aplaudem ingerências estadunidenses na política interna e vibram com tarifações prejudiciais à economia brasileira.

Mas, que! No final de julho, os tarifeiros liberaram a enorme lista dos produtos fora do tarifaço de Trump: ruim, mas mostrando recuo. Em vez de choramingar como um bolsonarista, o Brasil mostrou a cara, diplomacia e firmeza, e isolou um pouquinho mais a extrema direita. (Grifia - Inteligência Artificial do GRIFO)

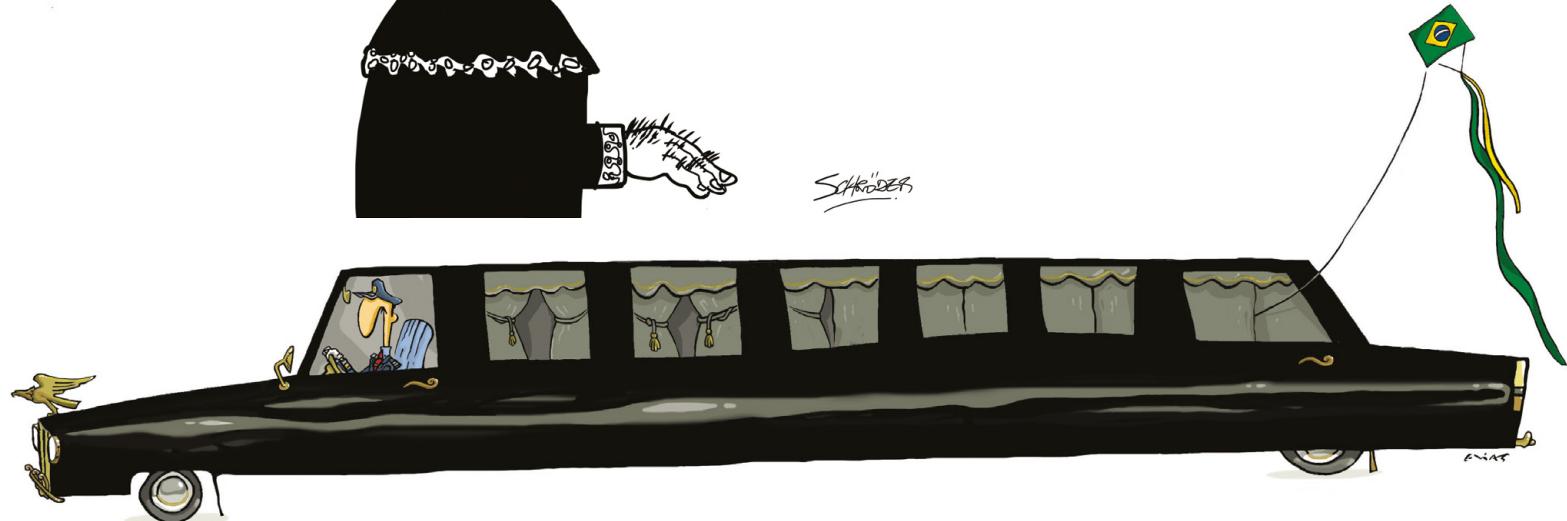


Enquanto isso, cedo em Brasília...





SCHROEDER



Make Muamba Great Again

Carlos Castelo

Era um dia comum em São Paulo. O céu cinzento, o trânsito caótico, o camelô gritando, tudo dentro da mais pura normalidade brasileira. Mas, do outro lado do hemisfério, no exato momento em que um pombo pousava numa banca de capas de celular falsificadas, algo improvável acontecia: Donald Trump, do alto de sua cabeleira, apertava um botão vermelho com a frase "Iniciar Invasão".

Alvo: a Rua 25 de Março.

– Senhores generais, fomos informados de que essa rua detém 87% do comércio global de bugigangas não identificadas. Precisamos democratizar a muamba! – bradou Trump em sua coletiva de imprensa, cercado de PowerPoints e fotos de bolsas "Luis Vitão".

E foi assim que, às 14h43 de uma quarta-feira, helicópteros

americanos começaram a pairar sobre a Ladeira Porto Geral. Tropas desceram de rapel em frente à loja "Dois Irmãos Bijuterias", mas foram engolidas pela multidão de sacoleiras.

– Eles quiseram invadir feito um raio, mas não sabiam o que era andar devagar num lugar – disse dona Creuza, enquanto aplicava um pula-pirata em um fuzileiro naval que tentou passar na frente dela na fila do pastel.

Trump, assistindo à operação pelo Twitter, tentou motivar suas tropas:

– Let's make 25 GREAT AGAIN!

Infelizmente, seus soldados não estavam preparados para os verdadeiros perigos da região: o calorão e os empurrões dos vendedores e populares.

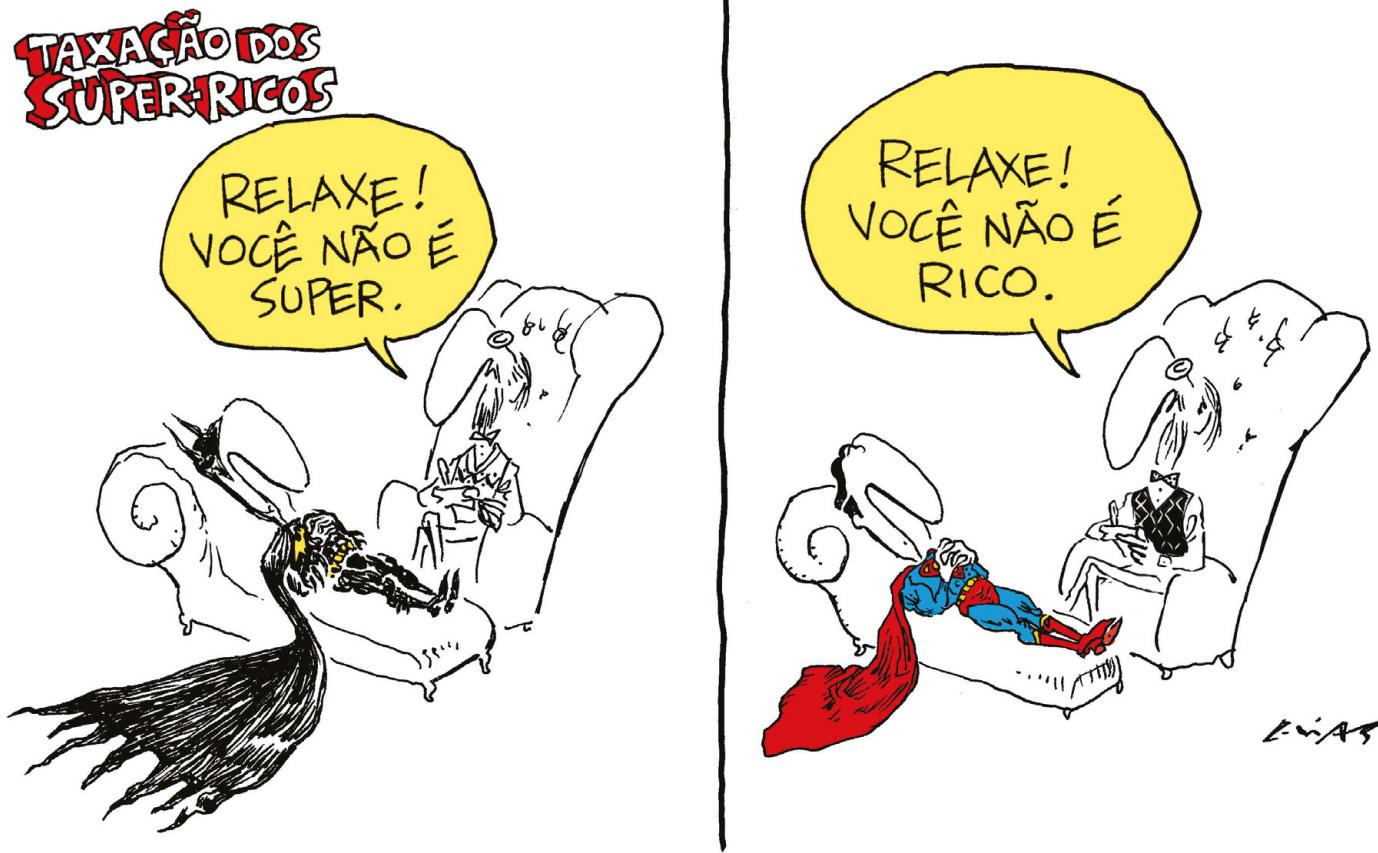
No segundo dia da invasão, os americanos tentaram tomar

o controle da Galeria Pagé. Mas bastou um anúncio no microfone dizendo "Promoção relâmpago de fone Bluetooth por R\$10!" e os soldados foram atropelados por um tsunami de consumidores com olhos brilhando mais que led de tênis paraguaio.

No terceiro dia, os invasores se renderam. Um pelotão inteiro foi visto tentando negociar um spinner com luz e som em troca de uma M16, enquanto outro grupo tirava selfies com um peruano vestido de Goku que vendia meias da Nike com "Nique" bordado em Comic Sans.

Trump então declarou a operação como um sucesso parcial e ordenou a volta dos contingentes ianques.

E, desde então, a 25 de Março segue soberana. Impenetrável. Invencível. E com promoção de capinha de celular até amanhã.





Quem são os amigos do Brasil?

Luiz Augusto Faria

Ao longo do século XX o Brasil foi um dos países de mais rápido desenvolvimento no mundo. Em apenas três décadas deixamos de ser um fazendão e nos tornamos uma sociedade urbana industrializada, um feito rivalizado apenas pela União Soviética, o que nos deu o título de milagre do capitalismo. A experiência soviética tinha outra natureza, embora em ambos os países o planejamento tenha sido uma ferramenta decisiva. O isolamento da URSS se distinguia de nossa integração ao

sistema internacional comandado pelos EUA.

Nesse percurso, uma relação contraditória, por vezes antagônica, se estabeleceu com a economia hegemonicá. O investimento estrangeiro e o acesso a tecnologias inovadoras foram sempre contrapartida desigual da sangria de renda e riqueza na forma de lucros, juros, licenças e condições de preço desfavoráveis. A dependência, muito estudada em nossa América Latina, foi a característica maior da relação.

Se o imperialismo contribuiu com a industrialização do século XX, foi ele quem impediu a continuidade do processo quando nos propusemos a embarcar na revolução das tecnologias de informação e das energias renováveis. A oposição ao programa nuclear, a sabotagem do Proálcool e o voto à Lei da Informática se somaram ao fim do planejamento com nossa adesão ao Consenso de Washington nos anos 1990. A conversão unânime da burguesia ao neoliberalismo só reafirmou o que FHC percebe-

ra lá atrás, sua posição sempre se manteve dependente e associada, mesmo quando tem interesses antagônicos aos americanos.

Com idas e vindas seguimos o programa nuclear, mas abdicamos da informática e acabamos por destruir uma boa parte de nossas melhores empresas industriais de eletrônica, computação, bélica e de comunicação com a abertura indiscriminada às importações, privatizações e até por sabotagem, como o caso da engenharia e do petróleo na Lava Jato. De quase metade do PIB (48%) em 1985, a indústria caiu para menos de um quarto (24,7%) em 2024. E tudo isso agravado pelo desastroso endividamento externo que favoreceu um verdadeiro saque da economia nacional.

Ao mesmo tempo em que impunha esse retrocesso aqui, os EUA mudaram sua aposta para a Ásia, em especial a China, país que, à diferença de Japão ou Coréia, se abriu ao investimento es-

trangeiro. Nesse processo, como na América Latina, trataram de cooptar as elites locais abrindo espaço para centenas de milhares de estudantes chineses em suas prestigiosas universidades. Diferentemente do que aconteceu entre nós, onde esses quadros formados lá se tornaram claramente antinacionais, a exemplo de meus colegas economistas, o resultado chinês foi diferente: um crescimento exponencial da produção científica e tecnológica e a manutenção do planejamento como método, reduzindo e controlando os espaços do mercado. O Império do Meio se tornou o centro dinâmico da indústria e da tecnologia globais e a maior economia do mundo, uma realidade que os americanos hoje sonham reverter.

Por aqui, tivemos um ciclo de 10 anos de crescimento entre 2004 e 2014 – que acaba de ser retomado, embora de forma mais modesta. Foi resultado das políticas de distribuição de renda,

redução da pobreza e ampliação do mercado interno, bem como da ascensão da China ao centro dinâmico da economia mundial, incentivando nossas exportações. Isso se deu apesar da oposição dos EUA, incentivadores da crise política e do impeachment que permitiu à extrema direita assumir o poder e retomar, radicalizando a agenda neoliberal.

Devemos considerar as políticas seguidas por Bolsonaro e Milei como uma contraparte das guerras no Iraque e agora na Síria, que deixaram atrás de si Estados falidos e disfuncionais. Para o “Tio Sam” só há duas alternativas: submissão ou destruição, e sempre o saque das riquezas nacionais. O mais recente episódio do tarifaço e da ingerência nas instituições brasileiras tem por objetivo produzir medo suficiente para desistirmos de nossa posição em defesa de uma nova ordem internacional e da articulação do Brics.



O QUE TINHA DE IRRELEVANTE NO PENDRIVE



Deputado, o Sr. se elegeu dizendo que defenderia as minorias!

Sim. A minoria dos Super Ricos!



Pixs

Mourão, o senador de pijamas, era um vice tão ativo que nem no golpe foi indiciado. Acho que estava sempre sesteando na hora das reuniões conspiratórias.

Enquanto o Trump atacava o pix, ameaça mortal à economia estadunidense segundo ele, Israel atacava a Síria. Nos dois casos o motivo não é a sociopatia visível nos líderes dos dois países agressores. O motivo real, como sempre, é a grana. Trump ataca o Brasil porque sabe que o país lidera a América Latina e tem grande influência no Brics. Israel ataca a Síria porque é um país estratégico do ponto geopolítico para a Rússia e para a China. O capitalismo ocidental, no seu estertor, assume sua face violenta e imoral.

Mário era um Pirata que exerceu intensamente a poesia se equilibrando na prancha da sobrevivência, para a sorte dos admiradores de piratas poetas.

Preta Gil morreu jovem e isto é triste. Porém ver o Gil tentando cantar Drão com ela, sabendo que seria a última vez, é devastador.

Atirar em famintos passou a ser a diversão mórbida do exército Israelense em Gaza. Primeiro obrigam os palestinos à fome e à sede extrema, depois montam exíguos e insuficientes locais de distribuição de alimento e água para os abaterem quando arriscam-se a buscar os escassos mantimentos. Ainda espero a manifestação mundial dos judeus humanistas de quem li os livros, assisti aos filmes e ouvi as músicas. O silêncio é tão monstruoso quanto à carnificina sionista.

Daí o cara com mangas entaladas até a garganta, pede calma para o governo para “negociar” as taxas que o Trump enfiou no Brasil até o talo. A suposta burguesia brasileira, até na hora da asfixia concreta, sonha com o oxigênio ideológico.

Linguagem das Trevas

O niilismo fascista está tentando nos vencer pelo esgotamento vocabular, também. A repetição do terror numa escalada inconcebível, mesmo no período das grandes guerras e o assumir do crime como política e da violência como tática tende a nos retirar a possibilidade da descrição do horror.

Orwell nos ensinou que a dominação completa se dará com o controle da linguagem primeiro e do pensamento, finalmente.

O horror, levado ao seu ápice, mostrou Joseph Conrad em seu **Coração das Trevas**, nos reduz ao selvagem primitivo anterior à política que só tem a violência como possibilidade.

Trump é a realização desta violência primordial. Bolsonaro é a expressão do fim da linguagem e da possibilidade de comunicação. Trump e Bolsonaro, em suas diferentes dimensões, são à volta ao crime como solução individual e a negação da possibilidade da humanidade como sociedade. Trump é o facínora Liberty Valance à espera de seu executor e Bolsonaro é.... bem, Bolsonaro não é nada.

quer que escreva?



BLAU Bier



PURGATÓRIO PUB Cid Dávila



Jorge



VAREJEIRAS EM CRISE Celso Schröder



NESTE CORPO (gente reencarnada em bichos) Elias



Fabiane Langona



RANGO Edgar Vasques



Lu Vieira



Charge neles!

Ia escrever um texto sobre os desastrados governos da capital e do estado gaúcho. Porto Alegre querendo passar para iniciativa privada, além de água e

saneamento, a gestão da Usina do Gasômetro, um prédio que não é dela, mas emprestado pelo governo federal em contrato que proíbe esse tipo de negociação. O governador do palavrório vazio e

pouca produtividade. A imprensa milionária conivente, ao contrário de valorosas publicações independentes. Mas, quer saber?, os charistas fazem melhor. (preguiça de escrever, eu? - **Marco Schuster**)



Eu e milhares de
amigos CONFIRMAM
que estão em INSEGURANÇA
no estado do RG do SUL



CRESCIMENTOS





Cadê o amor, porra?!

Vamos brincar de adivinha? O que é, o que é o mais importante? Há quem precise pensar um tiquinho antes de responder, como Bela Gil numa entrevista a Chico Pinheiro, mas em geral a resposta é na bucha, claro: o amor. Não, não vou dizer que discordo da Bela, mesmo sabendo que por baixo da palavra amor ferva um caldeirão cheio de ingredientes diversos, alguns muito suspeitos e fedorentos, que o Freud mexe com uma pá de bruxa de contos de fadas.

Se o amor é a coisa mais importante, onde anda? Eu gostaria de ver o bicho de perto. Ainda sou curioso, sabe? Por isso proponho outra brincadeira. Sim, vamos brincar de onde está Wally? Não vai ser fácil sem ao menos um retrato falado dele.

Soldados israelenses atraem, com pacotes de comida, palestinos desarmados e famintos pra liquidá-los mais facilmente. Onde está o amor? Na indignação e no desespero de algumas pessoas que gritam contra isso? Alguém com poder de tornar a indignação em ações concretas, como o primeiro ministro alemão, diz que Israel faz o serviço sujo por nós. Nós? Vírgula, seu safado, digo eu nada amorosamente.

Setecentas mil pessoas morrem de peste porque o bozo é a



favor da peste. Se fosse contra, teria feito alguma coisa, além de imitar um doente morrendo sufocado. Onde estava o amor nessas horas? Espero que ao menos um dos mais de cinquenta milhões de eleitores do bozo me responda.

E a imprensa? E os políticos? Grande parte deles é um exemplo do poder do amor – o amor pela jogatina, o amor pela elite do atraso, o amor ao ódio e à mentira. Até o amor a Cristo dá lucro e licença para matar. Nesses casos, o amor não é mais uma palavra, mas um palavrão dos mais baixos.

Onde, me diga, anda o amor à arte? A pior obra do Machado de Assis não é **Ressurreição**, mas a Academia Brasileira de Letras.

Ele sabia disso, claro, porque desde o começo a coisa tinha pouco a ver com letras e muito com compadrismo e amor ao ego. Mas ter Merval Pereira, o rei do perdigoto, na presidência da casa? Pra completar, acompanhado pela Mirian Leitão. Que eu saiba, a arte de lamber as botas da elite tem pouco a ver com literatura.

E o amor na justiça? Sete anos de xilindró pra uma mãe de cinco filhos por ter roubado um pacote de fraldas, enquanto o Sérgio Moro desfila por aí sua canalhice e ignorância não parece mais um estupro que amor? Puxa, que cabeça a minha: o estupro é um amor contrariado. O pior é que Moro não desfila solitário. Pra nomear os amorosos do judiciário seriam necessários vários números inteiros do **GRIFO**.

Agora, onde o amor ao próximo se mostra em todo seu esplendor? Acho que na fabricação, venda e uso de armas. Sem o próximo não haveria graça nem lucro.

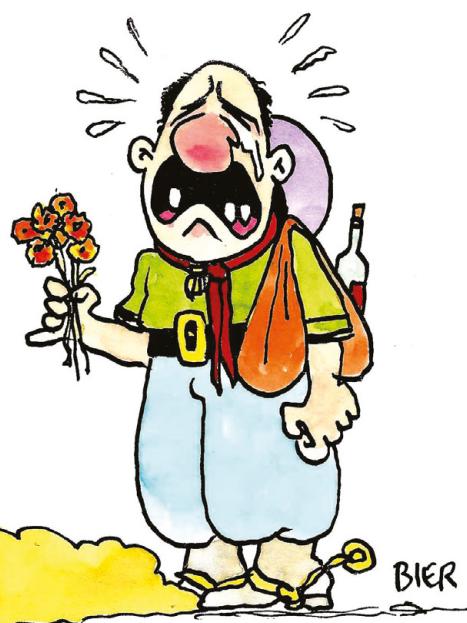
Mas e as pessoas que enchem as ruas clamando pela paz, pela justiça? A arma delas é o amor, dizem. Acho melhor não falar em arma. Periga os Trump da vida bombardearem essas pessoas atribuindo poder nuclear ao amor.



BAR do NEREU

Anoitecia. As atividades edificantes foram interrompidas com a chegada de dois músicos e seus instrumentos: um saxofone e um trompete. Vinham duma apresentação de rua com sua bandinha e seriam recolhidos por uma van, que os levaria de volta à serra. Não entendi todos os detalhes da explicação. Tocaram um pouco, cantaram em alemão e falavam português com sotaque carregado. O clima de camaradagem se instalou quase imediatamente. A fala arrevesada dos músicos nos divertia, e eles sabiam disso. Mas é impressionante como se cospem ao falar! Além do mais, meu parco alemão identificava naquele linguajar um dialeto que me parecia de Hunsrück, que nem é mais falado na Alemanha hoje em dia. Tanto é assim, que seus falantes no Brasil estão sendo convidados a visitar a Alemanha pra reavivar o idioma. Nossos amigos falavam entre si em alemão e com a gente em português – ou coisa parecida. Com o aumento dos entusiasmos líquidos, um negro, sentado na segunda mesa, perguntou uma coisa em alemão e os músicos ficaram espantados. Nós mais ainda. O gato do Nereu botou a cara pra dentro, indagador. O sujeito tinha estudado em Heidelberg! Mas não se entenderam muito, não. Aí o negro também tirou um sarro do sotaque. O músico mais baixinho, tocador de saxofone, tomou em sua defesa um episódio com seu avô, nos anos 1930, que dirigia uma bailanta no interior de Santa Rosa. Disse que - aquele, sim! - tinha sotaque. Certa feita, durante um fandango, dois gaúchos da fronteira apareceram no lugar e foram recebidos com alegria pela alemaada, pois eram visitantes de fora. Não demorou muito e um deles largou um peido silencioso e, quando o veneno subiu, foi aquele esparramo. Estragou a festa. Aí o velho, dono da bodega, saltou da porta de relho na mão e gritou:

- Quem peitei na meu salon,
pissa pra forra, que eu
fai cacá na pau tele acorra!



LÍNGUA PRESA

Um galo canta
No meio da noite.
O chacareiro Paquito resmunga:
- Deça p'a cantá quando fo dia,
gaio véio!
Mas que nada.
O galo continua fodendo
O sono do coitado...

PALAVRAS DA SALVAÇÃO

Nos tempos de criança, quando falavam em sexo selvagem, eu imaginava o Tarzan comendo a Chita.

O marxismo perfeito seria feito com Karl Marx, Grouxo Marx e Burle Marx.

Trump deve ter sido o Bebê reborn de Margareth Thatcher.

Bolsonarista é como fralda descartável. Depois de ser todo cagado, é jogado fora.

Janja é uma grande mulher. Não sente ciúmes quando Lula encontra a China.

A vantagem do vesgo é que, quando ele tá comendo uma mulher, enxerga duas.

Nenhum cão pastor morde mais do que pastor pentecostal.

Vocês já notaram que a guerra só é um bom negócio pra quem não entra em combate?

Nem todo homem que joga no bicho invertido começa a dar a bunda.

Quem aproveita os tremores das mãos na vida sexual cria um Parkinson de diversões.

Sempre que me chamam de "influencer" eu mostro minha carteira de trabalho.

Carla Zambelli não pode reclamar que ninguém a procura na cana.

Será bumerengue um doce vendido nas confeitarias da Austrália?

Não me concentro mais em jogar xadrez, porque sempre lembro do Bolsonaro...

A arte da entrevista

Cristiano Bastos

A preciosa arte da entrevista encontra-se em franco processo de vulgarização em face dos inumeráveis programas e podcasts atualmente proliferados na internet muitas vezes sob condução de entrevistadores amadores (os quais fizeram o rapto desse importante gênero jornalístico e nele encontraram um meio de difusão para blá-blá-blás frívolos e vazios e para a sustentação de opiniões generalistas acerca de tudo e todos tendo à disposição o tempo sem limites dos meios virtuais) e quase sempre contando com a participação de entrevistados não exatamente “interessantes”.

Queria mesmo é ver como essa legião de sabidões entrevistadores sairia-se na elaboração de uma entrevista preparada no tradicional molde do velho jornalismo impresso precisando (depois é claro de terem tornado-se aptos para o exercício da profissão cursando uma faculdade de jornalismo) para tanto primeiramente fazer a definição de uma pauta de perguntas e “estudar” o entrevistado com o qual irão travar uma conversa e ficar minimamente informado em relação aos temas que dizem-lhes respeito. E logo em seguida executarem a transcrição do áudio no qual está contido a entrevista (sempre tendo cuidado quanto à

preservação no texto escrito que dela resultará do sentido exato das palavras ditas pela fonte).

E depois disso tudo (incluindo antes também literalmente o trabalho físico) ter de transferir para o espaço pré-estabelecido da publicação as perguntas e respostas fora, ainda, a elaboração do texto de abertura para a entrevista. E só ao término dessa fase saindo cerebralmente no encalço daquele reluzente e semiótico título que abrilhantará a entrevista. Depois disso, finalmente, vem a definição do genial “lead” cuja obrigação é capturar no leitor sua atenção fazendo com que queira, ou melhor dizendo, necessite ler o texto do início ao fim.

Por último (na verdade a primeira das coisas a ser levada em consideração) o mais importante antes que se queira realizar qualquer entrevista: encontrar

COMEÇOU A GUERRA! VOU FAZER A MINHA PARTE: MATAR A VERDADE



um entrevistado que realmente valha a pena ser entrevistado (que seja capaz de jogar alguma luz sobre os assuntos) e que justifique a utilização do espaço jornalístico para que lhe seja dado voz.

Qualquer um que tenha estudado e sobretudo praticado de fato um jornalismo sério e responsável sabe que bons entrevistados são poucos. Nem de longe acompanham a profusão que há de entrevistadores aventureiros com seus programas ruins de entrevista.

A dica para se melhorar é apenas uma: estudar jornalismo (e suas técnicas) e mais do que tão somente ter um diploma é fazê-lo na prática. Enquanto isso, se não for pedir muito, por favor calem um pouco suas bocas e deixem a preciosa arte da entrevista para aqueles que sabem como realizá-la.

Madame_surto_oficial: "Você sabia que nas Ilhas Canárias não tem nenhum canário? E nas Ilhas Virgens? A mesma coisa, também não tem nenhum canário". (Ernani Ssó)

Prender Bolsonaro, agora mais do que um caso de justiça, é de vergonha na cara. (Schröder)

Tarifaço de Trump foi uma facada no pé de Jair. (Carlos Castelo)

Jaime Chamaud: "Se os EUA vissem o que os EUA estão fazendo nos EUA, os EUA invadiriam os EUA para libertar os EUA da tirania dos EUA". (Ernani Ssó)

O que mais preocupa o Bolsonaro não é "a" PF, é "o" PF: Prato Feito (na Papuda). (Celso Vicenzi)

Ao acusar os motivos das taxações de Trump de políticos, ao invés de econômicos, como supostamente deveriam ser, os jornalistas alimentam a velha fogueira fascista de confundir política, a legítima negociação de interesses públicos, com o crime, o simples exercício radical das vontades privadas. (Schröder)

Li que protestos contra a guerra no Oriente Médio crescem nos EUA a ponto de ter gente acreditando que vai se chegar aos níveis dos protestos dos anos 70 contra a guerra do Vietnã. Tomara que sim. Mas é bom lembrar que os protestos influíram zero na retirada dos EUA do Vietnã. Os EUA se retiraram porque perderam a guerra. (Ernani Ssó)

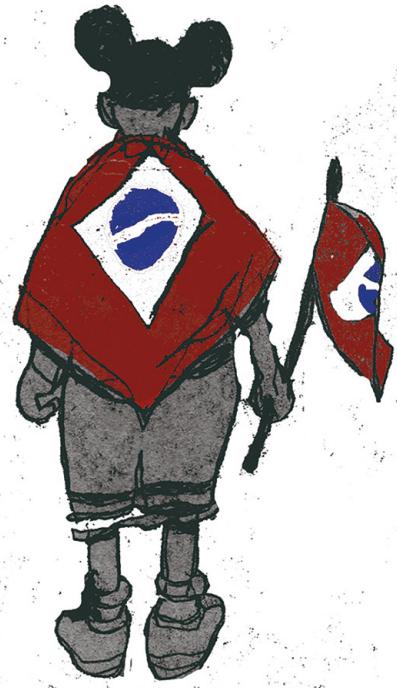
Na trilha do Maçambique

Tambor, viola, gaita, música açoriana, do interior gaúcho, de imigrantes de outros estados. A mistura desses ingredientes (e mais outros) resultou num ritmo próprio do litoral norte do Rio Grande do Sul que o jornalista Gilmar Eitelwein detalha no documentário "Na Trilha da Música Popular Litorânea". Eitelwein, que viveu décadas em Porto Alegre onde destacou-se no jornalismo musical e cultural, agora vive em Tramandaí e estudou o ritmo. O documentário apresenta exemplos de canções e depoimentos de compositores, pesquisadores e cantores. Tipo do programa diferente de grandes. Tá no canal dele do YouTube. O link é esse aqui: <https://youtu.be/n6IHPmCGnpg?si=FJyiNRYhLCPOtHnP&sfnsn=wiwspwa> (Marco Schuster)

Na Trilha da Música Popular Litorânea



1% Com
America
Great
Again



Em 2019, o Brasil meteu o loco na presidência. (Carlos Castelo)

Diante do anúncio de chuvaradas, o governador Eduardo Leite recomenda as pessoas a saírem das zonas de risco. Zona de risco é o palácio ocupado pelo Leite. (Ernani Ssó)

Pensem pelo lado bom. Na cadeia, Bolsonaro finalmente terá tempo para aprender a pronunciar pop corn e ice cream sem sotaque. (Celso Vicenzi)

Quando a imprensa elege como "polêmica" – divergência de opiniões – a verdade e a realidade, está praticando o jornalismo terraplanista, na verdade a negação do jornalismo. Tratar como polêmico sequestro do orçamento federal pelo congresso mafioso ou a derrubada do IOF, o imposto mais democrático do país é concretizar o golpe parlamentar iniciado em 2016 e interrompido pela tentativa de golpe militar ainda em curso. (Schröder)

E o mundo indo pro brejo por causa da ganância e burrice do capitalismo? Ora, pra mim já vai tarde. Mas me chateia o boato, persistente, de que o inimigo da humanidade é a esquerda. Quanto à distribuição de culpa, tenho uma suscetibilidade de tia velha. (Ernani Ssó)

Eduardo Bolsonaro lança, em breve, seu primeiro livro: O Diário de um Maga. (Carlos Castelo)

O Congresso deixou de ser a casa do povo para se tornar uma espécie de sindicato dos ladrões. (Celso Vicensi)

Borges: "A indiferença da maioria dos argentinos pela literatura tem um lado ruim, porque o escritor se sente solitário. Mas tem um lado bom, porque aqui ninguém escreve para o público. Em outros países dizem: o escritor se prostitui. Mas aqui, mesmo que quisesse se prostituir, não poderia". (Ernani Ssó)

Lembram dos judeus abatidos com um rifle de precisão enquanto trabalham no campo de concentração, pelo oficial nazista sádico interpretado por Ralph Fiennes, em A Lista de Schindler? Pois é exatamente que o exército de extermínio israelense está fazendo com crianças e mulheres famintas que buscam comida. O povo judeu pagará um preço enorme por este crime sionista. (Schröder)

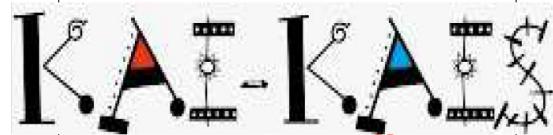
Se você é um gênio e ninguém percebe, deve ser só uma alucinação induzida por bebida energética. (Carlos Castelo)

Bolsonaro vê cada vez mais distante o sonho de se reencontrar com o filho Eduardo para confraternizarem com o Pateta na Disneylândia. (Celso Vicensi)

O pessoal da Faria Lima está preocupado com o crime organizado, PCC e CV. Sentiram a concorrência. (Ernani Ssó)

É tanto mimimi e chororô, tanta covardia, que chegamos à conclusão de que, se não bastasse um bananinha, a Família é liderada por um bananão. (Celso Vicensi)

Numa festa em Curitiba, quando uma juíza disse que lia **A casa dos mortos**, o Sérgio Moro disse que amava livros psicografados. Trata-se de um fenômeno. Dostoievski, pra ganhar tempo, psicografo a si mesmo antes de morrer. (Ernani Ssó)



Mouzar Benedito

Foi vítima de genocídio, Agora acha que pode tudo E o mundo assiste mudo!

Trump mima Bolsonaro... E é o povo brasileiro Que por isso paga caro.

Um bozo mostra a garra E no outro dia o Tarcísio: Essa praga faz rodízio!

Exigem livre expressão! E como querem isso? Pra eles sim, pra nós não.

Trump trambica Depois volta atrás E não se justifica

Lira e Pacheco ruins? Péssimos, esses dois. E piores vieram depois.

Congresso pra lá de ruim... E pode se reeleger de novo. O povo é inimigo do povo?

Capitão usa braçadeira... Mas fora do futebol Tem um com tornozeleira

Patriotário sacana Em perigo apela Pro topetão laranja

Deus diabólico, Pátria estrangeira, Família fuleira.

Isso é partido ou cloaca? A candidatura a presidente Vai sobrar pra jabiraca?

Aforismo francês com validade eterna: "O direito civil serve para que os ricos roubem os pobres. O direito penal impede que os pobres roubem dos ricos". (Ernani Ssó)

Antes de matar os palestinos, os houthis e os iranianos, Trump matou a diplomacia. (Carlos Castelo)

Tenho visto muita gente escandalizada com o Congresso, como se apenas agora se soubesse que há lá uma chusma de bandidos. Penso que se a grande imprensa não fosse da mesma quadrilha, a coisa não teria chegado a esse ponto. (Ernani Ssó)

Por ser altamente tóxica, não é permitido reciclar a lata de lixo da história. (Celso Vicenzi)

Tarcésio, a radiação que contamou São Paulo. (Carlos Castelo)

Na primavera, Eduardo Leite irá à Holanda pra um desfile de modas, lançar novo modelito de colete da defesa civil. Espera-se que os holandeses aprendam a ficar fotogênicos em meio a desastres climáticos. (Ernani Ssó)

O bolsonarismo é uma espécie de gado de Troia para permitir a invasão do exército de Trump no Brasil. (Celso Vicenzi)

Minibio: chantagista, agiota, achacador, criminoso e 47º presidente dos EUA. (Carlos Castelo)

Reli, pela décima ou décima quinta vez, O americano tranquilo do Graham Greene. Continuo gostando – a simplicidade e calma com que Greene encara uma situação complexa e atroz é coisa de craque. Mas pra mim perdeu muito do seu sortilégio. O difícil, na velhice, é saber se ficamos mais exigentes ou calejados. (Ernani Ssó)

O bolsonarismo é uma doença que resulta na aversão aos fatos. (Celso Vicenzi)



Evoluímos tanto que agora conseguimos nos destruir em 4K. (Carlos Castelo)

O nazismo e o fascismo são uma espécie de bumerangue da história. (Celso Vicenzi)

Christián Carman, do Instituto Baikal, na Argentina: "Não foi Einstein, nem Newton, nem Kepler, nem Galileu, nem Copérnico. Foi Anaxágoras o protagonista na tarde em que a astronomia deu seu maior salto na história. Lá por 430 a.C., ele compreendeu que a Lua

não tem luz própria, que apenas reflete a luz do Sol. Pode parecer óbvio, mas é uma ideia revolucionária e profundamente fecunda. Graças a essa descoberta, explicou as fases da Lua: dependem de que porção de sua superfície está iluminada. Também compreendeu os eclipses: nos solares, a sombra da Terra cobre a Lua. Se a sombra da Terra é circular, a terra deve ser esférica. Além disso, se a Lua pode cobrir o Sol, está mais perto da Terra que ele. E como os dois parecem do mesmo tamanho, o Sol deve ser maior. Anaxágoras entendeu as fases lunares, os eclipses, que o sol é maior e que está mais distante que a Lua, e que a Terra é redonda. Não está nada mal para uma tarde apenas". Enquanto isso, no século 21... (Ernani Ssó)

Nasceu, viveu, trabalhou e morreu sem jamais ter existido de verdade. (Carlos Castelo)

Juan Rulfo: "Queria, não falar como se escreve, mas escrever como se fala". (Ernani Ssó)

Um é homofóbico, o outro é pedófilo. É preciso rasgar a fantasia (erótica) dos homens públicos. (Celso Vicenzi)

Todo mundo quer ser influenciador, mas ninguém quer lavar a própria louça. (Carlos Castelo)

O crime compensou no caso do bozo. Como foi pego – se foi pego – depois de uma vida desfrutando de tramoias, vai morrer antes de cumprir um terço da provável sentença. O Xandão tem de descobrir um jeito de mandar o bozo pro passado pra cumprir a pena toda. (Ernani Ssó)

O jogador de futebol brasileiro é o novo gladiador: vendido jovem, ovacionado em arenas, escravo do capital. (Carlos Castelo)

Matar, para a espécie humana, é um hábito que produz muitos óbitos. (Celso Vicenzi)

Quem segue tendência acaba pulando de uma ponte desde que esteja nos stories. (Carlos Castelo)

O nazismo, o fascismo, o capitalismo e outros "ismos" nefastos precisam ser enterrados em latas de lixo blindadas à prova de novas contaminações históricas. (Celso Vicenzi)

Felipe Marques: "O problema da Terra plana é a quantidade de bestas quadradas que pastam nela". (Ernani Ssô)

Pouco depois da queda do nazismo, os judeus passaram de vítimas a algozes, com a mesma fúria e talvez com maior descaro, porque se dizem vítimas mesmo quando matam civis com bomba e fome e sede. Bueno, os judeus são muita gente. Alguns milhares de judeus se tornaram algozes. É escandaloso? Não, é a sina humana. Etnia nenhuma tem o monopólio da inocência e da bondade. E a Terra, mesmo plana, roda a baiana. (Ernani Ssô)

Bolsonaristas não podem ver uma bandeira americana que já batem continência. É um caso típico de incontinência doutrinária. (Celso Vicenzi)

Malafaia, o reza-pátria. (Carlos Castelo)

O SUS deveria oferecer tratamento com urgência para brasileiros que ainda apoiam uma família de bandidos. E um caso grave de surto psicótico coletivo. (Celso Vicenzi)

Até os deuses têm seu calcanhar de Aquiles. O do Messias é o tornozelo. (Carlos Castelo)

André Gide disse que *A viúva Coudrec*, do George Simenon, é melhor que *O estrangeiro*, do Camus, porque vai mais longe sem parecer fazer isso, o que é o ápice da arte. Os livros têm o mesmo tema, e o do Simenon é um ou dois anos mais velho. Reli os dois, pra conferir. Gide está certo, mas esqueceu de um detalhe: Simenon tem pelo menos uns dez livros muito superiores ao *Estrangeiro*, coisa que não entrou no bestunto dos jurados do Nobel. Pior: o próprio Camus não tem nada melhor. (Ernani Ssô)



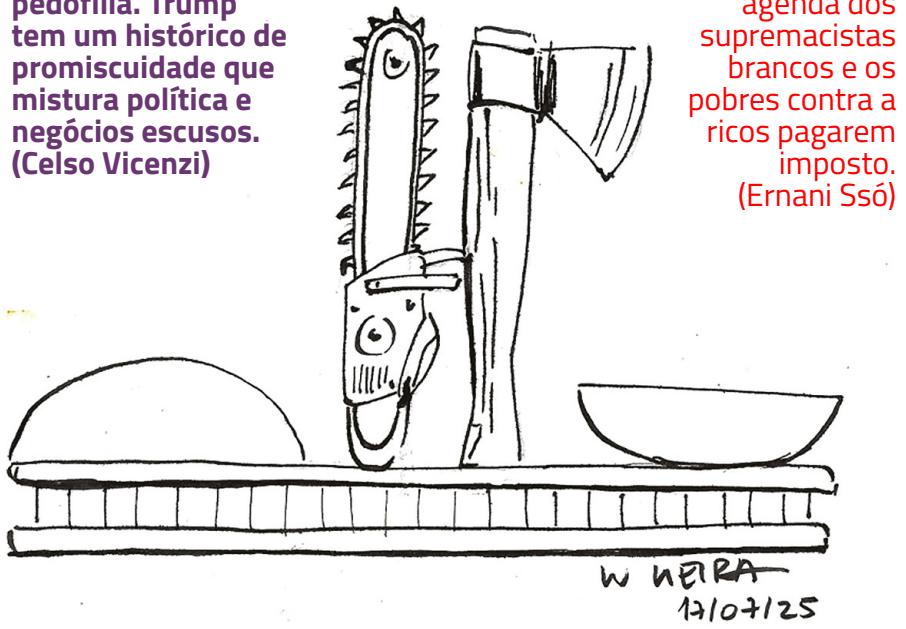
Tudo tem limites, menos a estupidez bolsonarista. (Celso Vicenzi)

estrela.solitaria1976:
"Meu medo é que o mundo acabe antes do Bolsonaro ser preso". (Ernani Ssô)

Não botem a mão na nossa 25 de Março que nós metemos o pé no seu 4 de Julho. (Carlos Castelo)

Sobre Simenon e Camus, André Gide não tocou num ponto fundamental: Camus era infinitamente melhor que Simenon como pessoa. Mas é aquilo, talento não escolhe caráter. (Ernani Ssô)

Não é só um caso de provável envolvimento com pedofilia. Trump tem um histórico de promiscuidade que mistura política e negócios escusos. (Celso Vicenzi)



Teocracia. Ditadura com desculpa celestial. (Carlos Castelo)

A Família sofre de hemorragia verborrágica de insultos criminosos. (Celso Vicenzi)

García Márquez fala de um ditador que inventou um pêndulo que apontava se a comida estava ou não envenenada. Claro, era um idiota, mas seu medo era legítimo – tinha quase todo um país desejando sua morte. Agora, o bozo, que toma remédios pra disfunção erétil, anda por aí distribuindo medalhas de imbroxável. Mais grotesco e menos engraçado que isso só mesmo os pardos apoiando a agenda dos supremacistas brancos e os pobres contra a ricos pagarem imposto. (Ernani Ssô)

Apocalipse nos trópicos

Assisti ao excelente documentário de Petra Costa, **Apocalipse nos Trópicos** e confirmei minhas suspeitas sobre o papel das religiões neopentecostais como responsável pelo avanço da direita no Brasil. Avanço sobretudo entre os pobres. O livro Pobre de Direita de Jessé Souza já aprofunda bastante esse tema. É revelador ler as entrevistas do livro de Jessé ou ver o depoimento das pessoas no filme de Petra. O próprio Lula confessa o fracasso das esquerdas nessa luta pela conquista do voto evangélico.

O que as igrejas fizeram influenciadas pelo fenômeno Billy Graham nos EUA foi justamente “iludir” seus fiéis com promessas de riqueza e glória sem muito esforço, apenas aceitar Jesus. Graham foi um pastor que se voltou para as populações mais pobres nos anos de 1960 principalmente. Esteve no Brasil e foi saudado num Maracanã lotado por pessoas que agitavam a bandeira dos EUA. Vimos muito essa cena depois.

A igreja católica justifica a pobreza com o pecado e pune com penitências. Os partidos de esquerda te recebem mas exigem de você, muito justamente, trabalho e sacrifício, além de uma solidariedade e empatia cada vez mais difíceis de achar hoje em dia. Como sabemos, é mais fácil que cada um lute por si do que se juntar ao próximo para tentar aumentar a força de transformação. Um vizinho é um concorrente em potencial



M. PAIVA

para a conquista deste lugar no paraíso. Melhor fechar esta janela de comunicação. Se você for escolhido pelo senhor é privilégio seu, conquista sua que não pode ser confundida com conquistas coletivas.

As entrevistas com o bispo Malafaia, personagem central do documentário, mostram esse novo tipo de religioso que de espírito cristão não tem nada, nem amor, nem doçura, nem compreensão. Pelo contrário, Malafaia surge como uma pessoa que encontramos na esquina e que destila toda a sua indignação e falsa franqueza para justificar sua doutrina. Sua riqueza desproporcional não é contestada pelos fiéis e ele até debocha do valor dado ao seu jatinho. Sua casa é rica, mas de gosto duvidoso e sua atitude é típica daquele cafajeste que encontramos nos botequins da vida que fala palavrões e atua como qualquer um, uma coisa bem de quem se acha acima de qualquer suspeita e acima de qualquer avaliação. Ele é quase um deus por aqui e se não é, foi o escolhido.

Cabe às esquerdas e ao governo buscar uma aproximação maior com esses fiéis eleitores, não para cair nas mentiras que a direita diz, mas para mostrar o quanto pode ser feito de fato para melhorar a vida de todos sem cair no jogo da ilusão que é capaz de arrebanhar, mas nunca de resolver. A igreja tem que voltar a ser um apoio espiritual. Ela, na sua maioria, se aproxima dos fiéis carentes ou não e isso dá um alento. Não resolve, mas cria a impressão de que alguma coisa está sendo feita e você só precisa crer e orar. Esta violência e autoritarismo que Malafaia e asseclas pregam é que precisa ser denunciada.

Bolsonaro se aliou a essa gente para chegar mais rápido ao poder. Eles estão lá, atentos e fortes, prontos para seguir no seu projeto de transformar o Brasil numa teocracia que tornará a realidade muito mais difícil de ser transformada. É preciso ver o filme de Petra, mas é preciso sobretudo impedir que essa gente volte ao poder. Pelo amor de deus.